



NOTAS DO TEMPO

Mundo desumanizado

- O primeiro encontro foi no Lar do Porto e com o Chico, que preside à Conferência de casais nossos ali sediada. O segundo aqui em Paço de Sousa, aonde o Chico julgou conveniente dirigi-la.

Nascida no Brasil, veio, criança ainda, para a terra de seus pais. Até aos trinta anos foi professora primária... Depois, uma doença respiratória que afectava permanentemente o aparelho fonador fê-la deixar o ensino e enveredar pelo trabalho em escritório. Casou. Seu marido tinha uma pequenina indústria caseira de detergentes. Viviam modestamente, mas viviam.

Os anos correram. A doença veio e instalou-se. Ela ia entretendo a sua. Ele não; foi vencido por ela. A fase final, de tão dura, consumiu-lhes todas as economias e deixou-a profundamente empenhada. Os últimos anos susten-

taram-se apenas da reforma dela, que é agora de 26 contos. Ele, porque o seu trabalho era por conta própria e nunca tivera expressão, nada recebia.

Se viver doente é muito caro, morrer traz despesas abismais para uma economia tão depauperada como a delas. A aflição que a fez vir junto de nós é ainda sequência da morte dele. Funeral; débito aos bombeiros que muitas vezes foram chamados a transportá-lo ao hospital nos seus dias derradeiros e que ela não pôde saldar e agora tem de o fazer por mandato judicial (eu vi-o); contas pesadas de água e electricidade que ela não sabe explicar — deixaram-na a afogar-se em maré ruim.

Tão digna, tão Senhora, esta senhora a rondar os oitenta anos, teve de vir mendigar uma mão que a ajude a levantar-se.

Por experiências que nos tocam na pele, muitas vezes me tenho indignado com a cegueira da justiça dos homens, com a prepo-

tência das águas e electricidades, prepotência inelutável porque a razão sempre lhes pertence e não há alternativa — que a ameaça do corte do fornecimento é inaceitável.

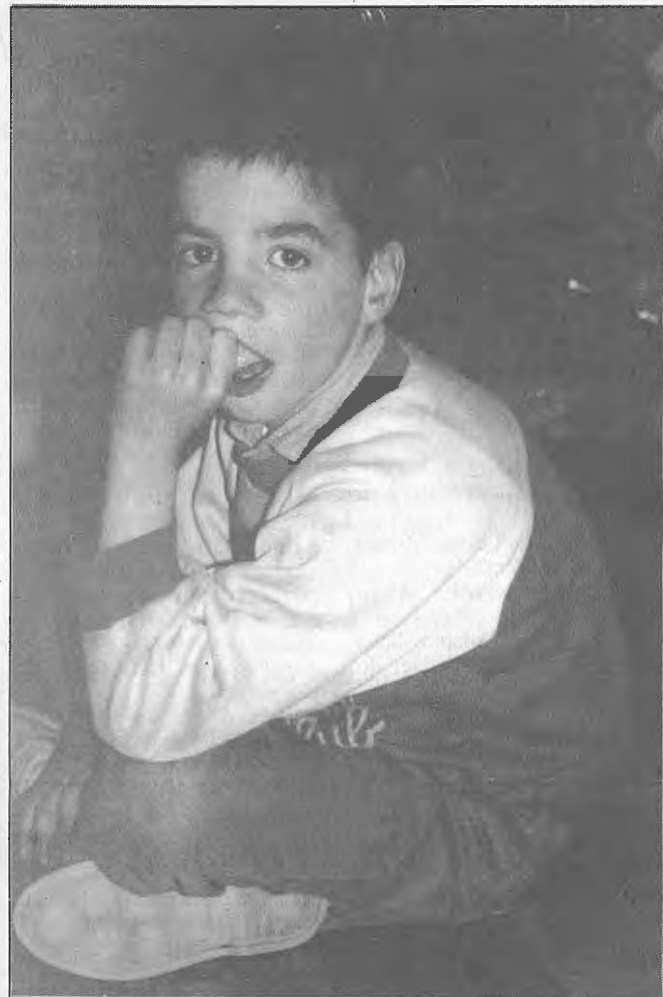
Muitas vezes me tenho indignado, sim, mas nunca como esta, diante da pobre senhora indefesa e sem mais forças para lutar.

Mundo desumanizado o nosso, tais são as suas *leis de selva* que esmagam sempre os mais fracos. Mas a selva é muito mais pura!

Outra mulher angustiada

- Outro encontro me aconteceu, esta tarde, com outra mulher angustiada, portadora de uma declaração que a habilita a mendigar. Credenciais de mendicidade, *ainda*, neste século orgulhoso das suas descobertas e do seu poder! Pensava que já não era possível!

Continua na página 3



O nosso «Moranguinho», de Paço de Sousa.

MOÇAMBIQUE

O caminho só tem horizontes novos para quem avança

DOIS anos se passaram. Balanço para Acção de Graças.

A motivação da nossa vinda foi a criança da rua. Mas os planos de Deus são mais vastos. O caminho só tem horizontes novos para quem avança. De um lado estão os nossos rapazes, agora sessenta e cinco, crescendo e definindo-se, instruindo-se e profissionalizando-se e já apontando para um amanhã melhor. Do outro, o grupo três vezes maior de quantos trabalham connosco, daqueles que nas micro-empresas o fazem para si mesmos e aprendem a autogerir-se; e dos adolescentes que nas horas livres da Escola estão aprendendo a trabalhar, ganhando para os seus cadernos e livros. São ainda vinte e cinco famílias que morando já numa casa decente de quatro divisões, são ajudadas a utilizá-las condignamente. E o serviço permanente de enfermagem na Aldeia e a Pastoral da Criança que desponta com duzentas mães e seus bebés a serem acompanhados.

Quem somos nós para tanto? Somos três, cada um com a sua capacidade e os seus limites, mas instrumentos conscientes da acção de Deus, aqui e agora, a bem de um povo sofredor,

esmagado e alienado para a volúpia de uns tantos de dentro e de fora do país.

Porfiamos cada dia e em tudo, ser uma manifestação do amor gratuito de Deus, por todos e cada um, para a todos ganhar para Cristo, o que verdadeiramente escapa ao nosso alcance.

Como chegámos até hoje? Pelo mistério da partilha cristã, muitas vezes escondida e posta a render. Tudo junto faria a fortuna de alguém e repartido faz o bem-estar e a promoção de algumas centenas; e em impostos chega a Moçambique inteiro.

Em permanente comunhão com as nossas Casas do Gaiato de Portugal que fazem chegar aqui a partilha de quantos acompanham o nosso viver.

De outros directamente, como a paróquia de Arroios logo na primeira hora; os amigos do nosso Carlos Roda de há um ano a trabalhar ao nosso lado e ultimamente os Lions de Guimarães e a Fundação Cidade de Lisboa.

Também a comunidade portuguesa, mais expressivamente representada pela «Academia do Bacalhau» de Maputo e Joanesburgo, desde a chegada nos ajuda pelos meios ao seu alcance, e mais concretamente na construção do primeiro pavilhão de oficinas-escola, integrado no plano da nossa Aldeia. Algumas empresas de Maputo, administradas por portugueses, no seu

Continua na página 3



O grupo três vezes maior que está connosco é o que nas micro-empresas trabalha para si mesmo e aprende a autogerir-se.

Conferência de Paço de Sousa

ALCOOLISMO — Estava bem lúcido!, pois se embriaga muitas vezes. Boa hora para transmitir a mensagem que nos compete. Aceita, porém, o recado algo deprimido:

— *A gente não se refreia com uns cobres no bolso... E bebe!*

Ele é doente e anda em tratamento.

— O que sente no dia seguinte...?

— *Estou completamente partido. Como se me dessem uma sova...!*

— Tá a ver? Tenha força... p'ra se defender!

Por aqui, não é demasiado grande a percentagem de alcoólicos. Felizmente. Mas há tantas bebidas que turvam o espírito!

No entanto, o nosso homem avança com outro motivo:

— *Nestes dias de chuva a gente não ganha... e temos de poipar!*

É trabalhador rural.

Do pequeno grupo, um dá-nos que fazer!

Outro caso, assemelha-se ao primeiro:

— *Agora, deixou...?!*

— *Há menos dinheiro p'ra beber...!*

— *Precisa de deixar...! Não está melhor, assim?*

— *Sim senhor... Ando melhor...*

Em horas turvas damos-lhe a mão, até para se defender do trânsito!

Esta a nossa condição: conhecer e ajudar os Fracos. Hoje, amanhã, depois. Sempre!

PARTILHA — Como tantos outros, o assinante 42971, de Ovar, persevera em suas intenções: *«Junto cheque para os Pobres mais necessitados da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus».*

«*Eu e Ela*», de Gondomar, caminharam juntos (por aqui também) muitos anos. Deus chamou-a para o Céu:

«*Estou com a alma e o coração amargurados pela falta da minha doce Companhia durante cinquenta e oito anos. Deus levou-a como leva os santos! Retida no leito, durante anos, com incrível resignação cristã, deu-lhe a Sua recompensa com uma santa morte. Sufragando a sua alma, destino 500\$00, no primeiro dia de cada mês, para suprir tantas necessidades que apoquentam os Pobres. Fico consolado por Deus me conceder a graça de pôr o óbolo na mão dos recoveiros dos Pobres, a quem dedico esta quadra: Se vem de Deus, / a riqueza, / uma parte cai no Pobre. / Mas se vier do diabo, / não há migalha que sobre.»*

Não falham os habituais caminheiros da procissão!
«*Uma Assinante de Paço de Arcos*» com «*a partilha de Julho/Agosto e saudações fraternas e muita amizade*».

«*Avó de Sintra*» rejubila. Pois, «*com a graça de Deus, já consigo escrever! Para mim, que não vi durante mais de dez anos, é um autêntico milagre e não sei como agradecer ao Senhor tamanha graça. A todos desejo uma vida com pão, paz, saúde e Deus nos defenda dos maiores males que há por todo o mundo. Junto o cheque para a minha 'família do costume', incluindo os mil escudos de minha (já falecida) irmã.*»

Damos graças a Deus!

No decorrer da procissão, acentuamos a constância, a oportunidade e a partilha da assinante 31104, de Lisboa:

«*Ao receber O GAIATO quis Deus começasse a ler, logo desde o início, a 'Conferência de Paço de Sousa'. O que ali se expressa caiu fundo no meu coração. Como eu compreendo aquele que está desempregado! Já senti isso na minha casa.»* Mais adiante acrescenta: «*Ando para me desfazer de coisas em que tinha estimação (...). Por alma dos meus entes queridos envio este cheque, produto da venda acima. Desejaria que revertesse a favor de alguém sem trabalho, sem ter que dar aos seus. Rezem por mim.*»

Mais cinco contos, da assinante 52663, do Furadouro (Ovar). Mais vinte, da assinante 9550, do Porto. Cinco vezes mais da assinante 5897, também da Invicta, «*impressionada com o que afirmam — no último O GAIATO — sobre os novos Pobres. Meus Deus, que dor me causa!*»

Precisamos de nos afligir com as aflições dos Outros! É o Mandamento de Jesus.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

NOVOS GAIATOS — Neste fim de semana recebemos mais alguns rapazes (Carlos, Miguel, Humberto, etc.), os quais ainda não conheço. É habitual chorarem quando chegam, mas, depois, conhecendo a sua Casa e os novos amigos, tudo muda.

VINDIMA — Ainda não começou, mas não tarda. As uvas estão quase maduras. Será uma colheita inferior à média. O tempo não favoreceu a vinha.

VISITANTES — Recebemos muitos, principalmente ao domingo, nos quais arranjamos amigos. A nossa Aldeia fica cheia de carros e pessoas. Gostamos muito de receber toda a gente.

Voltem sempre!

ESCOLAS — Mais um ano escolar pela frente. Os estudantes do 7.º e 8.º anos foram para o Porto, e ficam no nosso Lar, regressando só no fim de semana.

DESPORTO — Começou mais uma época desportiva. Tivemos uma reunião no bar que, em princípio, ficará a ser a nossa sede.

Escolhemos dois rapazes para orientarem o balneário. O nosso equipamento está incompleto. Como é natural, precisa de ser renovado pelo demasiado uso nos jogos durante o ano.

Vamos tentar ser responsáveis e procurar que o plantel esteja sempre em boa forma.

«*Vitinho*»

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

AULAS — Já começaram. É mais um ano lectivo pela frente e esperamos que os nossos companheiros tenham bom aproveitamento. O Paulinho e o Carlitos entraram para a Escola Primária.

No Lar de Coimbra esperamos, ainda, que a comunidade respeite sempre as indicações do novo chefe — o Carlos Fernandes

GADO — Os dezanove leitões estão mais gorditos e é bom continuarem assim.

Os responsáveis pelo gado esforçam-se por terem os animais limpos e bem tratados na manjedoura.

AGRICULTURA — Princípios a colheita do milho, mas parte dele ainda está verde.

A chuva tem ajudado imenso as couves plantadas; mas, agora, prejudica outras colheitas.

Entretanto, lançamos à terra semente de aveia e de pasto para o gado.

CARAS NOVAS — Recebemos o Alexandre, com onze anos, vindo de Torres Vedras. Frequenta o primeiro ano do Ciclo Preparatório.

Acolhemos, também, o João — primo do Alexandre — que é de Lisboa. Tem seis anos e o primo estuda em Coimbra e vive no nosso Lar.

Frederico

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Como já vem sendo hábito, hoje foi dia de visita aos nossos irmãos mais carenciados.

Primeiro a D. Dália, uma velhinha de oitenta e seis anos de idade, deficiente motora, muito doente da asma, mas vai levando a vida o melhor que pode. Gosta muito de conversar. Conversámos durante algum tempo e deixámos-lhe ficar a ajuda habitual. Depois, visitámos a D. Conceição, mãe solteira já com cinquenta e sete anos, muito doente. Um dos filhos, do qual já falámos há tempo, ainda não foi operado; faz tratamento para se fortalecer um pouco mais, porque está muito fraco. Tem dois netos deste filho, crianças muito frágeis, cujo aproveitamento escolar é fraco, mas teimam nos estudos. O sobrinho continua preso, está muito doente, ia fazer uns exames médicos. A mãe, que é pobre, tem muitas carências monetárias. Pediram a nossa ajuda para as viagens de visita ao

filho, na prisão, e para mais qualquer coisa de comer. Ficou o pedido feito. Vamos tentar ajudar esta família.

A última visita foi à D. Rosa e irmã. Recebeu-nos a irmã, deficiente motora, mulher cheia de vida e esperança. A D. Rosa não estava, mas tivemos conhecimento que voltou a ter desmaios e os médicos estão um pouco pessimistas com a doença. Os filhos trabalham e, graças a Deus, seguem um caminho bom; são jovens saudáveis e com ambição. Prometeram arranjar-lhes casa porque onde vivem está tudo a cair: chove como na rua, a maior parte da habitação protegida com plásticos. Por isso, esperamos que o sonho se realize.

São estes irmãos, a quem damos o nosso apoio, e nos quais deparamos situações fáceis de resolver, outras bem difíceis porque sentem um certo afastamento da sociedade que os rodeia. Tentamos dar-lhes uma ideia diferente da que pensam e, por vezes, aceitam, mas dizem estarem fartos de promessas e burocracias. Nós entendemos onde querem chegar. Todavia, infelizmente, vivemos numa sociedade que só complica as situações para baralhar mais o cidadão!

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — António Esteves, 5.000\$00; Idalina, vale de 20.000\$00; Anónimo, 20.000\$00; Assinante 22801, 5.000\$00; Eulália, 20.000\$00; Anónimo, 10.000\$00; A. Ferreira, 50.000\$00; Assinante 19576, 5.000\$00; J. R. D., 2.000\$00; Rosalina, 5.000\$00; para compra de um cilindro recebemos, de um casal amigo, 18.261\$00; Maria Vilhena, 12.000\$00; de Faro, para ajuda de medicamentos, 5.000\$00.

Amigos leitores, contamos sempre convosco, com as palavras amigas e o apoio material, porque só assim poderemos superar uma série de problemas que deparamos no dia a dia. Obrigado.

Conferência de S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto

Casal vicentino

Antigos Gaiatos de Malanje

CONVÍVIO ANUAL — O Lar de Coimbra serviu de poiso ao nosso convívio anual, sendo os locais de repasto no Choupal (Mondego) e na Praia de Mira.

Padre João cedeu as instalações e mimou-nos com três caixas de melão. Padre Horácio celebrou a Eucaristia no Lar,

marcação da data e local.

Qualquer reflexão, hoje, sobre a nossa Casa do Gaiato de Malanje, não poderá desligar-se das circunstâncias envolventes. Insensatez ou demagogia seria como designar a actuação mais frequente dos homens que não sabem substituir as armas mortais pelas enxadas que dão pão: armas da Paz e da concórdia para matar a fome e poupar vidas humanas.

Pai Américo escreveu: «*Quem sabe se é precisamente pelo teu muito lamber que estes pequeninos não têm de comer? Seja como for, ouve a voz do mendicante...*»

Toda a criança tem o direito de ver o mundo que a viu nascer. A criança angolana não sabe comer e a humanidade tem a obrigação de ensinar. Padre Telmo quando rumou para Angola foi à procura de mais filhos perdidos que procuravam e procuram uma verdadeira paternidade; que Deus o ajude.

Estava a terminar esta crónica quando, na minha casa, soa o telefone. A surpresa foi enorme e a alegria teve lágrimas: Padre Telmo comunica que se encontra em Paço de Sousa!

Estamos de parabéns. Temos entre nós o nosso tão querido Padre Telmo! Não sabemos por quanto tempo, mas o mais importante é que, neste momento, está mais perto.

Os recados que escrevi para ele foram retirados por não serem necessários. Já os podemos transmitir pessoalmente! Assim, o nosso convívio fica mais completo.

Manuel Fernandes

PASSO A PASSO

Uma oportunidade para ajudarmos os rapazes a descobrirem o mundo pelo caminho normal

UM destes dias, numa das nossas periódicas viagens à Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, seguiu connosco o João. As deslocações são mais uma oportunidade que temos de estar mais perto de cada rapaz e por outro lado de os ajudarmos a descobrirem o mundo pelo caminho normal, numa relação cativante com o meio e os outros, abrindo horizontes de descoberta de sentidos mais dignos e mais profundos na realidade. Isto, que parecerá evidente, sabemos que não é o modo habitual como eles dão os primeiros passos na vida...

Voltando à viagem, de tudo o que falámos ficou-me aquela aventura da captura de uma águia no cimo de um penhasco, a qual, para bem de ambos, resultou na fuga dela e no continuado amor do João pelos animais. Era o tempo em que ele sempre andava escapando da casa materna e da escola, por motivos justificáveis. E foi talvez graças ao contacto com a natureza, no lugar onde vivia, que ele conseguiu manter algum equilíbrio de vida. Infelizmente, as oportunidades para um normal desenvolvimento escolar foram passando. Ficou-lhe ainda assim o gosto pela arte de carpinteiro, em que ajudara o avô durante algum tempo, o que poderá constituir motivação para o trabalho no futuro.

Esta ligação à natureza e aos animais em particular, ficou comprovada logo no dia seguinte ao da nossa viagem. Isto lhe custou uma repreensão, pois na hora do cumprimento da sua obrigação resolveu ir brincar com o seu cão preferido.

De tudo, fica-nos a esperança de que o João, que, como me disse, nunca quis fugir desde que começou a pertencer à nossa família, já lá vão mais de dois anos, possa dar os passos que lhe serão tão importantes para um suficiente desenvolvimento escolar e de toda a sua pessoa.

Este querer ser connosco é decerto um passo decisivo para o João e um bem para todos nós.

Padre Júlio

ENCONTROS em Lisboa

Duas preocupações

Faltava ainda um mês e já o Zé Maia me perguntava: — *Daqui a quantos dias é que começa a Escola?* Sempre que me repetia a pergunta, terminava com uma exclamação quase de desalento: — *Eia!, ainda falta tanto!* Em nossas Casas é quase uma raridade encontrar tanto entusiasmo e mesmo desejo da Escola. No entanto, mesmo não manifestando, o seu início é sempre um acontecimento. Desejo algo confuso de descoberta, percepção nebulosa da importância do estudo. Certo, certo é que se inicia toda uma caminhada longa de meses, semanas e horas dentro de uma sala de aulas. Por isso, tempo que não podemos deixar de valorizar pedindo a Deus que cada rapaz seja mais homem, na medida em que sabe mais. Por isso também a nossa preocupação em nada faltar para o bom êxito de todo o percurso.

Começo o ano com duas preocupações. Uma diz respeito à colocação de professores. A outra tem a ver com aquilo a que poderíamos chamar a ditadura do material escolar.

É por demais conhecida a dificuldade que temos com os nossos miúdos, sobretudo quando são mais pequenos, do ponto de vista de carências afectivas com que nos chegam. Muitos até nem se justificaria o estar em nossa Casa se não fosse este grande problema de não terem tido quem os acolhesse com amor. Creio que está também mais do que demonstrado que a aprendizagem escolar tem, nestes casos, muito a ver com a estabilidade da

relação que estas crianças estabelecem com os seus educadores. Em tempos, a Casa do Gaiato podia indicar ao Ministério os professores para a Escola dos seus rapazes. Isso desapareceu por se considerar um privilégio. Depois entrou-se no turbilhão das idas e vindas de professores. Em oito anos, duas salas de aulas conheceram cerca de vinte professores. Durante os últimos três, conseguiu-se alguma estabilidade, fazendo exposições e utilizando como forma de colocação o destacamento. Este ano voltámos à exposição acompanhando a nossa petição de os professores se manterem pelo menos mais um ano. Sabemos que o nosso sentir foi compreendido pelo menos em duas instâncias que trabalham connosco e conhecem as realidades. Quando chegou a instâncias superiores, onde os problemas se reduzem à burocracia, a nossa petição foi indeferida sem qualquer justificação. Não nos move o desejo de estar este ou aquele professor e muito menos nos compete julgar a competência de algum. Gostaríamos apenas de alguma continuidade de trabalho e de conhecimento da realidade que só uma certa permanência ajuda a dar. Quando será isto possível?

Acontece uma ou outra vez haver um miúdo que «guarda» o material escolar de um seu companheiro. Um foi apanhado e veio a casa se não fosse este grande problema de não terem tido quem os acolhesse com amor. Creio que está também mais do que demonstrado que a aprendizagem escolar tem, nestes casos, muito a ver com a estabilidade da

ganhou uma tal importância aos olhos de todos que quase há mais preocupação com o material do que com o saber. Veja-se a propaganda despidorada que para aí vai. Se entendo isso da parte das empresas comerciais não o posso entender da parte dos professores. Tenho muitas histórias para contar sobre este assunto. Protesto contra a ditadura que faz vergar muitas famílias ao peso das exageradas exigências em material escolar. O ano passado recebi um dia a seguinte notícia dada por um dos nossos rapazes: — *Os guaches têm de ser da marca x e os nossos são da marca y e a sra. Dra. não quer estes.* Este ano fiquei de boca aberta com a listagem. Exemplos: quatro esferográficas (preta, verde, azul e vermelha); dezasseis separadores; uma caixa de marcadores; uma caixa de lápis de cor; uma caixa de lápis de cera; seis blocos A4, sendo três pautados, dois quadriculados e um de desenho; dois lápis n.º 2, etc.

De momento não tinha tantos separadores. Dei oito a cada um. Logo o Tiago me soube dizer: — *A malta nunca tem nada.* Outro acrescentou: — *Se não levamos isso vimos para casa.* Compreendo isto pelo drama de uma mulher que não sabia ler nem se sabia defender e que numa pape-laria se perguntava como havia de dar rumo à vida perante as exigências escolares da filha. Tinha uma caixa de marcadores com dez, mas garantia que a sra. professora queria de vinte e tal. A tal senhora terminou dizendo: *«Quanto nós passamos para que os nossos filhos tenham o*

mesmo que os outros!» Sei que sem material escolar não se pode fazer da melhor maneira o que se tem a fazer, mas, senhores professores, não ficará bem uma certa contenção de modo a não confundirmos o conteúdo com o continente? Por este andar, qualquer dia os nossos estudantes serão gente que se passeia com muito material escolar às costas mas com a cabeça e o coração vazios.

Padre Manuel Cristóvão

MOÇAMBIQUE

Continuação da página 1

ramo de actividade; e poucas mais pessoas singulares ou colectivas de Moçambique. Foi também a Caritas da Alemanha com a oferta de uma Toyota para as nossas deslocações.

No Desenvolvimento Social temos um aliado, que de início custou a conquistar: a Caritas de Moçambique. Por ela recebemos um tractor, a ajuda para o lançamento de todas as micro-empresas, o custeio do segundo pavilhão do Centro de Apoio, sementes e adubos logo no primeiro ano. Ultimamente o catavento de tirar água e o depósito.

Da UNICEF, a recuperação de salas para a escola e pagamento aos professores, material desportivo e ferramentas para as oficinas, quer da Casa, quer das micro-empresas.

Do Conselho Inter-hospitalar de Cooperação muita ajuda em alimentos para nós e o povo, o pavilhão do refeitório dos velhinhos e o furo artesiano. Um gerador eléctrico de 27 KVA da USAID.

Tudo isto foi o suporte material para chegar a dois anos na Massaca 1. De todo o lado veio ajuda. De Um só nos veio a Força interior. A Ele rogamos por todos.

Padre José Maria

MALANJE dia-a-dia

15/08/93

Minguito é um filho da guerra. A sua sanzala foi destruída. Os parentes fugiram ou morreram; não se sabe. Ele ficou, com a sua inocência, comendo mangas debaixo duma mangueira. O furacão da guerra passou ao lado. Passados alguns dias, foi encontrado por um homem bom que o trouxe para a cidade.

Sempre com os seus dentinhos em ar de sorriso e orelhas de «topogígio», é o menino do mimo cá de casa e, sem dar por tal, um semeador de paz.

18/08/93

O sol anda como que à procura duma janela rasgada nas núvens negras da guerra — para mostrar o azul... Nós atentos na expectativa dessa hora. Enquanto o Povo, resignado, vai esperando na dor de cada instante.

Deus permite tantos sofrimentos?! Pois, permite. Ele vê-nos na linha de Eternidade; não na ordem do contingente e do temporal.

21/08/93

Assisti à descarga de milho dum avião de carga... Alegria em todos os olhares... Há muito que os aviões não aterravam! Um saco e outro, deixaram cair uns grãos... Logo, um grupo de rapazes os foram apanhando — grão a grão, como as galinhas, para sacos de plástico... Mas com que pressa, com que ansia!! É medonho o espectro da fome!

22/08/93

Fizemos uma horta nos terrenos do Seminário onde estamos refugiados. Já temos couve, tomate, cebola e pimentos. Se todos plantassem nos seus cantos e à beira dos seus poços, não haveria mais roubos. Mas, não. A guerra também destruiu esta capacidade. Não se planta porque todos roubam. É a rampa escorregadia — sem possibilidade de equilíbrio.

23/08/93

Alguém me disse e acredito, que na Europa se estraga tanta coisa... Pão que se deita fora! Carne que se estraga! Fruta que apodrece! Manteiga que sobra!

Tão difícil fazer chegar às bocas da fome...! Mais custoso que os alimentos é o barco, o avião e a honestidade de quem distribui.

Todos os dias vejo a dor de algumas Irmãs na sua tarefa de fazer chegar alguma coisa aos velhos e crianças.

Padre Telmo

NOTAS DO TEMPO

Continuação da página 1

«Oh carta!»

• O tempo é cinzento, a minha alma também está assim, mas eu não quero que estas notas se cinjam a carpir. Gosto mais delas em contra-ponto. Por isso, a estas notícias tristes, prefiro juntar este hino de Fé, este cântico de amor conjugal, esta confissão de consciência de cidadania, este testemunho de amizade — que ides ler:

«Não é raro haver quem, feliz num dos momentos mais importantes da sua vida, renuncie ao seu primeiro ordenado e o ofereça em acção de graças a Deus, por ter conseguido, por vezes com heróico sacrifício, a base mínima de estabilidade e segurança que tanto desejava para início da sua vida. Será, porventura, menos frequente oferecer a última pensão. É isso, exactamente, o que por este meio venho fazer. É a última pensão de minha esposa e também oferecida em acção de graças a Deus. Se possível, para o Calvário... Se não, para onde fizer mais falta ou der mais jeito.

Graças a Deus por, depois de anos de incurável e penosa doença, a ter poupado, por uma boa morte, a dias bem mais dramá-

ticos, de recurso a meios de prolongamento de uma vida que se tornaria meramente vegetativa, que, segundo a previsão médica, viria a acontecer em breve.

Graças a Deus, porque, septuagenários, sós e marcados pela doença, me deu a mim forças físicas e anímicas (revigoradas nas espirituais em que confiava) para lhe assegurar, a ela, todo o apoio e assistência de que necessitou em todas as situações e momentos de dia e de noite (desde o mercado, a alimentação, a casa, os cuidados de saúde, a higiene pessoal).

Graças a Deus, por a ter deixado expirar em casa, tornado possível e fácil que, sob o tecto familiar, passasse a sua última noite sobre a terra.

Graças a Deus, porque expirou precisamente na mesma cama que há 44 anos, pela primeira vez nos acolheu no aconchego dos lençóis que desde então fomos zelando para nesta última hora nos servirem de mortalha (o primeiro foi com ela e o segundo espera por mim) e na mesma cama em que nasceram os nossos três filhos de que eu próprio fui parteiro.

Graças a Deus, porque até na maior adversidade da minha vida me deu oportunidade de me sentir feliz por tudo quanto fiz.

Graças a Deus, porque me ouviu em tudo

isto que constantemente lhe pedia, propiciando condições favoráveis a uma boa morte.

Graças a Deus, finalmente, porque há sempre por que dar graças a Deus.

Se não fora a comparação ficar impregnada de cheiro a heresia, bem me apetecia louvar e pedir a Deus com as palavras que o Santo velho Simeão proferiu no Templo, com sentido e em circunstâncias bem diferentes, infinitamente transcendentais: 'Agora, Senhor, deixa partir o Teu servo em Paz' (...)

Com um discurso completamente diferente, mais virado para o pecado social, segue outro cheque, fracção do rateio que sempre faço dos meus subsídios de Natal e de férias. Ainda não consegui aceitar que se violente um ano a ter 13 e 14 meses (para receber e esbanjar, que não para trabalhar), enquanto tantos e tantos nem sequer com um só mês podem contar. Mas com este cheque vou pedir-lhe um favor, se tal não o chocar: — que me mande uma declaração para efeitos de IRS. É um mau feitio que eu tenho de, indirectamente, através das insignificantes deduções, forçar o Estado a contribuir com alguma coisinha, também. Não me refiro, porém, ao Estado que vulgarmente se confunde com o Governo. É o Estado dos maus cidadãos, escamoteadores do fisco,

que costumam agremiar-se em 'ismos' para reclamar uma ideal segurança social, contanto que seja à custa dos outros. Negando o autêntico sentido etimológico do termo cidadão, é com a existência de um Estado (Governo), que exclusivamente responsabilizam, que procuram acalmar as consciências, perante as poderosas e sólidas estruturas do pecado social em que se atolam.

Perdoe-me o tempo que lhe tomei mas fez-me bem encher esta folha dos dois lados... Desculpe!

Felicidades para toda a Obra da Rua, d'aquém e d'além-mar, e com um grande abraço, para tão grande família».

Se Pai Américo estivesse aqui, destinatário desta mensagem, remataria como tantas vezes: «Oh carta!»

E não só ele! Penso que, pelo menos em relação à última parte dela, «com um discurso completamente diferente» que muitos acharão polémico, haveria consensos da parte de Educadores da consciência de cidadania, como António Sérgio, esse Homem que seria bom lembrar frequentemente e de outros modos que não nas notas do Banco de Portugal em que andou perdido e nem por isso foi achado.

Padre Carlos

SETÚBAL

Enchemos as nossas Casas de crianças que nunca sentiram o carinho maternal

DE longe..., de muito longe... vieram aquelas duas mulheres dar-nos, em trabalho, uma semana das suas férias. Dentro do seu coração um segredo: ânsia enorme de conhecer por dentro uma Casa do Gaiato. Oito dias é muito pouco para conhecer uma realidade tão simples. É verdade. A vida numa Casa das nossas é muito simples. E, por ser assim, muito difícil de entender. É por isso que poucos nos percebem.

Elas vieram. Gente amadurecida na vida dura do campo e da fábrica.

Fé provada, sem desânimo, pelas intempéries que a instalação necessariamente e sempre originaram. Gente «perigosa» que não tapa a cabeça nem cala a voz perante a incoerência dos que se dizem discípulos de Jesus.

O seu lema foi não estorvar!

A Comunidade vivia uma semana de maratona a pôr em ordem a casa 2 para os rapazes que regressariam da praia. Era a última de Agosto.

O trabalho atrasou-se por forma que começámos a fazer limpeza aos quartos dos rapazes com os pintores, os carpinteiros e os canalizadores lá dentro. Eles a sujarem e nós a limpar.

As duas moças com uma equipa de

rapazes davam quanto podiam. Ele eram os vidros das janelas, os parapeitos, as encostadeiras, os rodapés, os tacos do soalho. Tudo a brilhar!

Elas, silenciosas e humildes, ouvindo e compreendendo as queixas dos rapazes, confidentes e seguras nos seus juízos e palavras, sem se espantarem com os «estardalhaços» que às vezes faziam, pressionadas pela falta de tempo e pelo natural alheamento dos rapazes. Foram uma ajuda preciosa para todos nós! Sentimos, na verdade, a mão carinhosa e maternal de Deus no meio da nossa aflição!

É de gente assim que as Casas do Gaiato precisam. Mesmo sem grande cultura. Gente humilde. Sem paparricos. Não temos tempo nem jeito para paparicar ninguém. Coração aberto. Alma rasgada. Aventura evangélica. Pobreza séria. Sem sonhos nem fingimentos.

A presença destas raparigas, se foi para nós uma lição, foi para elas um desafio.

No primeiro ou segundo dia após a chegada atirei para o seu colo o mais pequenino dos meus, de dois anos! Uma doçura de criança! Retraíu-se um pouco e, perante a minha admiração, desculpou-se com transparente humildade: «Não sei se ele gosta». Há alguma criança da rua, desta idade, que não goste imenso de um colo feminino? — Não

há. Todos o apreciam imenso! E esperam-nos com mais ansiedade que os veados as torrentes das águas!

Na despedida, uma delas deixou em cheque o fruto da sua pesca, com a expressão bonita da sua pobreza! Foi num envelope fechado, posto na minha mão quase sem eu dar por isso. Num santinho que acompanhava, escreveu o sentir magnificante dos oito dias vividos na Casa do Gaiato! Eu guardo o santinho.

Já por esta Casa passaram algumas mulheres. Com cursos e sem eles. Universitárias e colegiais. Poucas se prenderam. Algumas sentiram vivamente o chamamento de Deus! «Vem ser minha mãe. Que eu não tenho mãe». E... não foram capazes... A dureza da vida e a sua realidade numa Casa do Gaiato metulhes medo.

A experiência diz-nos que é gente simples. Gente pobre e com experiência de vida dura que é capaz de se meter por dentro de uma das nossas Casas e fazer-se mãe de uma multidão.

Estou a ver o que narra S. Marcos no cap. I, versículo 16-18: «Passando ao longo do mar da Galileia, viu Simão e André seu irmão que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. Jesus disse-lhes: 'Vinde após Mim e farei de vós pescadores

de homens'. Deixando imediatamente as redes, seguiram-no. Avançando um pouco mais, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João seu irmão que estava no barco a consertar as redes, e logo os chamou. Eles, deixando no barco seu pai Zebedeu com os assalariados, seguiram-no».

É verdade. Jesus não lhes pede peixe. Nem os manda pescar. Mas segui-IO para serem pescadores de homens!

Nós que enchemos as nossas Casas de crianças que nunca sentiram o maternal carinho reparador de uma mulher, não convidamos, mas pedimos com toda a veemência da nossa alma: — Segue-Me. Deixa o barco. Deixa as redes. Deixa o pai e os assalariados. Deixa os projectos, a vida e os vizinhos e põe no teu coração esta incontida sede de Jesus. Vem pescar homens com o teu coração maternal. Eles hão-de chamar-te Mãe com todo o sabor. E tu gozarás sentir-te humilde, pobre, desconhecida de tudo e de todos, mas possuidora de um valor incalculável: Mãe de uma multidão. Eles, os teus filhos, contar-se-ão como as areias do mar e as estrelas sem número que brilham no céu!

Padre Acílio

Tribuna de Coimbra

Em nossas Casas a vida assenta na acção responsável de todos nomeadamente dos chefes

Com o início de mais um ano lectivo, os rapazes regressam à escola. Foi um Verão dividido: O descanso, com um período de praia razoável a cada um, e os trabalhos de manutenção permanente da Casa, bem como os de recuperação interior e exterior. Procuramos envolvê-los ao máximo. Que eles deem a mão a tudo o que puderem; de fora, só para os impossíveis. Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. Fazemos fé e confiamos. Não é lema de propaganda nem mero aforisma. Em nossas Casas, a vida assenta na acção responsável de cada um, nomeadamente dos chefes. Acção responsável que se concretiza em levá-las para a frente nos mais variados sectores: campo, oficinas, pecuária, cozinha, padaria, limpeza, etc.

O ano escolar começou para um grupo numeroso e refiro-me particularmente aos que têm frequentado o Lar ou para lá partiram pela primeira vez. A Cooperativa de Ensino de Coimbra continua a ser a Escola de portas abertas para os gaiatos. Este ano, vinte e cinco ao todo. Carlos Fernando a chefiar. São 16 anos já largos, com capacidade provada, generosos e a contar

com o aplauso de todos. Quando falo aos rapazes encareço sempre o ambiente do nosso Lar. E trago à liça a dificuldade, inclusivé, de tantos estudantes sobretudo os vindos de meios económicos mais desfavorecidos, em arranjar um cantinho para fazer o seu curso. Quantas vezes, bons alunos — de mãos calejadas por um Verão de trabalho que as dificuldades da vida não se compadecem com teorias...

Quando os vi partir senti a falta que me fazem muitos deles em tantos trabalhos que têm necessariamente de abrandar. Daqui para a frente só ao sábado poderão ser concluídos. Alguns sobressaem em generosidade e capacidade de servir. Uma rica promessa de futuro e dignidade humana. Os nossos que pela primeira vez partiram — os que fizeram a quarta classe, quanta surpresa! Um ambiente novo. Os mais velhos vão pôr a mão e orientar.

Cá em Casa ficaram os mais pequeninos e eles agora são tantos! Não se vislumbra quem queira vir dar uma mão, um pouco de colo... agora que a nossa casa-mãe está quase pronta e tão linda! Não é fácil vir e permanecer, só com muito amor ao Evangelho vivido na humildade dos pequeninos e Pobres; amor ao Senhor presente nos mais pobres e pequeninos. Aqui os diplomas e as carteiras são secundários, caem até no esquecimento. Outros caminhos se abrem cheios de beleza e encanto. É uma fogueira! Que ninguém a queira espezinhar senão o único amor aos Pobres e aos pequeninos nos quais o Senhor Se faz presente; com os quais Se identificou.

No primeiro dia de aulas coloquei no altar da capelinha do nosso Lar cada um deles. Muito farão os livros, a responsabilidade e a força de vontade de cada um e de todos. Muito mais fará o Senhor a quem ficaram confiados

Padre João

Património dos Pobres

Famílias à espera

Hoje, domingo, Padre Carlos e eu fomos serra acima à procura de famílias que já há tempo estavam à espera da nossa ajuda.

Passámos junto à primeira. Uma casa bem dimensionada e muito airosa. O dono, na cama, totalmente paralisado por queda de árvore que andava a podar. Sentiu-se só no quarto e pede «um quartinho com casa de banho» na loja da habitação onde se faz, durante o dia, toda a vida familiar. Custa-lhe muito a solidão. Fez o prédio enquanto teve saúde.

Demos-lhe razão. Todos os pais equilibrados gostam de viver com a esposa e os filhos. Disseram que a Assistência está a fazer o projecto das obras. E afirmámos que contasse com a nossa ajuda logo que iniciassem as obras. Os três filhos menores e o quintal bem amanhado merecem também a nossa atenção.

Logo perto estava um

casal junto à moradia que anda a construir — pronta a receber o telhado. Ele trabalha de noite, no emprego; e, de dia, ocupa todas as horas que pode na moradia que é fruto do seu esforço. «Vamos fazendo conforme podemos.» Tem três filhos menores e o mais novo é deficiente de uma perna e usa aparelho. Paga onze contos de renda mensal na pobre casa que habitam. «Quem nos dera um quartinho e a cozinha pronta que vínhamos logo para a nossa casinha.» Demos uma réstea de esperança e despedimo-nos.

A seguir, já mais na serra, alegrámo-nos ao ver um prédio quase pronto para o qual demos, há dias, um cheque de duzentos e cinquenta contos.

A casa de um cego

Noutra aldeia subimos a encosta íngreme e, ao cimo, no meio de pinhais, encontramos a casa que procurávamos. Não estava ninguém. No pátio, três cães que não ladravam e muito desalinho e sujidade. As paredes só rebocadas e as portas fechadas. Ambiente de abandono.

O dono é cego. Andá nos quarenta anos. Mora com um irmão casado, que tem três filhinhos, e pouco trabalha.

Vivem do que lhes dão. Ofereceram-lhe o terreno e os materiais para a construção. A nós pede o equipamento para a casa de banho onde ainda não há nada.

Vimos preocupados com a situação de miséria que vimos dentro e à volta desta habitação. O quê e como havemos de fazer... É fácil conseguir os materiais, mas é muito difícil educar uma família.

Um homem agradecido

Bateu à porta e entrou um Homem com muita dificuldade no andar, bastante trémulo e as palavras compassadas. «Venho pedir a ajudinha que nos prometeram para o telhado da nossa casinha.»

Teve um acidente e ficou incapaz.

Gostei muito de conversar com ele. As renúncias e os sofrimentos que têm suportado para construir o prédio até ao ponto em que está. A amizade pelo pároco da sua freguesia e o perdão para todos os que fazem mal.

Vi as lágrimas que lhe caíram dos olhos quando entreguei o cheque e as palavras de gratidão que saíram do seu coração: «Uma ajuda tão boa para a nossa casinha! Deus lhes pague.»

Padre Horácio

NOTÍCIAS DE MOÇAMBIQUE

Diante do pouco que fazemos há muito por fazer!

Olhando à nossa volta, sentimos algo diferente. Apesar das dificuldades, o povo respira com tranquilidade. Diante do pouco que fazemos, há muito por fazer! Às vezes até nos faltam paciência e sensibilidade para enxergar o mais necessário. Por outro lado, inquieta-nos ver que o pouco, para esta gente, já é tudo. Basta uma aspirina para curar todos os males. Falta-nos tempo e conhecimento profundo para uma caminhada melhor. Gostaria de ser preta para conseguir deixá-los mais à vontade. O sofrimento que esta gente passou, deixou-os sem esperança. É preciso amá-los. Entendê-los

e segurá-los pela mão. Meu Deus, quanta paciência é preciso! Quando pensamos que tudo vai bem, descobrimos que falta muito. Os valores humanos estão sempre em segundo plano, e os grandes projectos preocupados com o que é mais importante para atingir os seus objectivos e não os dos mais pobres e miseráveis. Ouvimos muito: «É preciso que eles participem». Participar como, sem ter sequer o necessário para comer!? Todos os dias encontro dezenas de pessoas com latas na cabeça para fazer armadilhas e apanhar ratos para o caril do dia seguinte!! Para mim, quanto nojo e quanto medo! Para eles o mais importante e necessário. Que Deus nos ajude a ter humildade e coragem para descobrirmos, sempre a tempo, o que é melhor fazer.

Quitéria Torres



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 - Corl. 500788898 - Reg. D.G.C.S. 100398 - Depósito Legal 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Setembro: 73.275 exemplares.